

**SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: UM APANHADO HISTORIOGRÁFICO**  
*SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: A HISTORIOGRAPHICAL OVERVIEW*

Marlucia Ferreira Nunes<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo refere-se a um apanhado historiográfico sobre a obra, a vida e o pensamento de Sérgio Buarque de Holanda. No livro *Raízes do Brasil*, ele lançou mão dos argumentos de que os brasileiros são desterrados na sua própria terra e se caracterizam pela cordialidade, visto que realizam uma apropriação ilegítima do Estado, infiltrando nele interesses particularistas. A família patriarcal é a grande responsável pela disseminação de práticas personalistas, as quais sempre primam pela afetividade e não pela racionalização. O homem cordial está sempre em constante negociação para se dar bem em todas as circunstâncias, mesmo que isso significa a inoperância das leis e a fusão do espaço privado com o público. Esse trato emotivo no âmbito sociopolítico e econômico funciona como um entrave para a formação de cidadãos autônomos e participativos. Holanda através de uma leitura psicológica e sociológica faz uma crítica ao Brasil por apresentar dificuldades em se tornar portador de uma organização política moderna.

**PALAVRAS-CHAVES:** Família Patriarcal. Estado. Personalismo. Homem Cordial.

**ABSTRACT:** This article refers to a historiographical overview about the work, life and the thought of Sérgio Buarque de Holanda. In the book *roots of Brazil*, he released hand of the arguments that the Brazilians are sent into internal exile in his own land and are characterized by cordiality, seen carrying a State embezzled, infiltrating it particularistic interests interests. The patriarchal family is largely responsible for the dissemination of practices, which always personalistas are conspicuous by their affection and not by rationalization. O homem cordial is always in constant negotiation to do well in all circumstances, even if this means the ineffectiveness of laws and the merger of the private space with the public. This emotional tract within sociopolitical and economic functions as a barrier to the formation of autonomous and participative citizens. Holanda through psychological and sociological reading makes a critique of Brazil to present difficulties in becoming bearer of a modern political organization.

**KEYWORDS:** Patriarchal Family. State. Personalism. Cordial Man.

Sérgio Buarque de Holanda nasceu no dia 11 de julho de 1902. Estudou na Escola Caetano de Campos e no Ginásio São Bento. Formou-se em bacharelado pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil em 1925. Esteve vinculado a funções culturais

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Jussara. Contato: mar.lu.gatinha@hotmail.com. Recebido: 05/03/2011. Aceiro: 15/04/2011.

no Brasil e no exterior, participando do movimento modernista de 1922. Juntamente com Prudente Moraes Neto fundou em 1924 a Revista Estética.

Permaneceu dois anos na Europa, principalmente na Alemanha, onde entrou em contato com o movimento modernista europeu; conheceu a obra do sociólogo alemão Max Weber; e presenciou a ascensão do nazismo. Desempenhou trabalhos jornalísticos no continente europeu e quando regressou ao Brasil corroborou com a imprensa brasileira. Desempenhou a função de crítico literário e historiador, sendo considerado um intelectual renomado. Lecionou na USP e em universidades americanas e européias, além de escrever diversas obras.

Uma publicação ímpar foi *Caminhos e Fronteiras* (1956), cuja narrativa descrevia a figura do bandeirante, analisando a sua trajetória e pioneirismo na ocupação do interior. Este livro possuiu uma escrita muito mais rígida e concentrada do que o clássico *Raízes do Brasil*, divulgado em 1936 e traduzido para o italiano, espanhol, japonês, alemão e francês. Ainda temos *Cobra de Vidro* (1944), *Moções* (1945), *Antologia dos Poetas Brasileiros na Fase Colonial* (1952), *Visões do Paraíso* (1958) e *Tentativas da Mitologia* (1979), etc. Também é de sua autoria diversos prefácios, traduções, ensaios em revistas e coletâneas. Faleceu em São Paulo e teve o seu corpo cremado no dia 24 de abril de 1982.

Percebe-se que Sérgio Buarque teve uma vasta contribuição para a literatura, além de ter escrito sobre diversos assuntos, mas centrando-se em um tema principal: a sociedade patriarcal. Em vista desta premissa é significativo deixar claro que o foco deste trabalho é explicitar o pensamento deste autor, tendo como principal referencial sua primeira obra, *Raízes do Brasil*.

Em um período quando muitos se preocupavam com aspectos da natureza biológica, Sérgio Buarque se destacou por fazer uma análise psicológica e social, sugerindo uma vinculação do conhecimento do passado com os problemas do presente. Dessa forma, fundamentou um estudo sistematizado cuja finalidade era compreender o Brasil e os brasileiros, mas não a partir de uma ótica nacionalista, positivista e determinista presente na tradição intelectual brasileira desde o século XIX.

A atitude do autor era condicionada por tensões contemporâneas, sendo que ele escreve a partir da sua percepção do sentido moderno da evolução brasileira. Sua obra sustenta-se num arsenal teórico diverso: a Nova História Social dos franceses, a Sociologia da Cultura dos alemães, além de conter elementos da teoria Sociológica e Etnológica, inéditos no

Brasil. Vejamos em seguida algumas argüições apresentadas pelo autor no livro *Raízes do Brasil*.

No primeiro capítulo, intitulado de *Fronteiras da Europa*, o autor defendeu a idéia de que somos desterrados em nossa própria terra, pois tudo o que fazemos e construímos é um legado de outra paisagem e de outro clima. Os portugueses implantaram a sua cultura em um país que apresentava condições totalmente adversas, sendo assim, as suas instituições tornaram-se um modelo que deveria ser seguido nessas terras além-mar. Os colonizadores impuseram a sua visão de mundo aos colonizados, fazendo com que a nossa identidade enquanto povo-nação não tivesse traços de uma cultura autêntica, restringindo-se a ser uma mera cópia da tradição lusitana. Fato que transformou os brasileiros em estrangeiros em sua própria pátria.

Os países Ibéricos foram definidos como zonas fronteiriças, o que os torna menos “europeizados”. Só a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos é que estes países se inseriram com mais nitidez no coro europeu, passando pelo processo de formação do Estado Nação. No caso dos portugueses, estes possuíam uma necessidade de afirmar o seu valor individual, suplantando os direitos hereditários e os privilégios da nobreza. Todos os indivíduos aspiravam ser fidalgos, pois “a abundância dos bens da fortuna, os altos feitos e as altas virtudes, origem e manancial de todas as grandezas, suprem vantajosamente a prosápia de sangue” (HOLANDA, 1995, p.37).

Isso se explica em parte porque a tradição do feudalismo não foi tão arraigada em Portugal como em outros países europeus, logo a hierarquia aí existente foi mais flexível e maleável. Conseqüentemente, a burguesia mercantil encontrou maior facilidade de se assentar neste espaço geográfico, mas justamente por causa dessa facilidade não teve uma necessidade de instituir uma nova escala de valores, preferindo associar-se às antigas classes dirigentes e guiando-se mais pela tradição do que por um razão calculista.

Nesse contexto tanto a burguesia urbana quanto os labregos deixaram-se contagiar por títulos e honrarias, gerando uma tendência para o nivelamento das classes, pois a eminência própria foi colocada em relevo em detrimento da herdada. O autor afirmou que isso abriu um espaço para que houvesse uma profusão de doutrinas que apregoavam o livre-arbítrio impedindo que houvesse uma plena associação entre os homens e uma racionalização de todos os segmentos da vida pública. À autarquia do indivíduo, à exaltação extrema ao personalismo e à paixão que não tolera compromisso criaram uma situação de anarquia,

levando em consideração que essa frouxidão organizacional esteve presente na história de Portugal e influenciou sobremaneira a vida política do Brasil.

O mais ambíguo é que essa inclinação para a desordem e para a anarquia convive com uma obediência cega. O Santo Ofício e as ditaduras constituem-se em exemplos tanto da vontade de mandar quanto de uma disposição para cumprir ordens. Assim o povo português caracteriza-se por viver entre dois extremos: uma disciplina rígida e um contínuo desrespeito às regras.

Nota-se que os portugueses tinham uma aversão pelo trabalho físico. Por ambicionar o status de senhores relegavam a terceiros a execução de qualquer tipo de trabalho manual. Segundo o autor, as nações ibéricas não se adequaram à ética puritana do trabalho, dificultando o associacionismo. Ora, “o que entre elas predomina é a concepção antiga de que o ócio importa mais que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor” (HOLANDA, 1995, p. 38).

Já no quinto capítulo, *O Homem Cordial*, Sérgio Buarque de Holanda analisando o estreitamento entre a família e o Estado, trabalhou a idéia de que estas instituições são opostas e descontínuas. Mas não foi o que se verificou no Brasil, pois no processo de formação de nossa nação incorporamos dos portugueses vários traços culturais, tais como a recusa à racionalização e à despersonalização. O brasileiro é aquele que não sabe distinguir a esfera privada da pública, por isso ele se torna avesso às relações impessoais. As vontades primárias suplantam os interesses gerais do Estado, dando uma carga emotiva e afetiva ao âmbito do poder. O patriarcalismo reforçou uma organização rural em que não houve limites ao pátrio poder, dificultando a concretização de uma consciência política. Na citação abaixo ficou claro esse transtorno que a máquina estatal enfrenta no Brasil, impedida de se efetivar na sua plenitude, pois foi absorvida pelos valores personalistas:

No Brasil, pode dizer-se que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos e fundados nesses interesses. Ao contrário, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar – a esfera por excelência dos chamados ‘contatos primários’, dos laços de sangue e coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. Isso ocorre mesmo onde as instituições democráticas, fundadas em princípios neutros e abstratos, pretendem assentar a sociedade em normas antiparticularistas (HOLANDA 1995, p. 146).

A família enquanto grupo primário de socialização comprometeu a educação dos jovens e a concretização de uma cidadania. Os indivíduos submetidos aos moldes da família

patriarcal não alcançaram uma maturidade política, pois estiveram submergidos em um sentimentalismo paralisante.

Desse modo, o indivíduo personalista necessita tratar os outros com familiaridade e intimidade. Logo, o sistema administrativo do Brasil viu no núcleo familiar um grave empecilho para a consolidação de uma organização política moderna. O “contato primário” e os laços de sangue transformaram a política num antro da familiocracia ou do nepotismo. Por essa razão que Holanda caracteriza o brasileiro como um “homem cordial”, portador de uma lhanza no trato, de uma hospitalidade e generosidade. No “homem cordial” predomina os comportamentos de aparência afetiva, não se adequando à polidez e a civilidade. O horror as distâncias leva-o a tornar-se amigo de Deus e dos santos além de usar o diminutivo para aproximar as pessoas e os objetos do seu coração, preferindo sempre tratar os indivíduos pelo primeiro nome e tendo enorme dificuldade de fazer uma reverência prolongada ante um superior. Ainda segundo o autor:

No “homem cordial”, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro – como no americano – tende a ser a que mais importa. Ele é antes um viver nos outros. Foi a esse tipo humano que se dirigiu Nietzsche, quando disse: “Vosso mau amor de vós mesmos vos faz do isolamento um cativo” (HOLANDA 1995, p. 147).

Ora, é nítido o medo da solidão e a necessidade de fazer do coração o intermediário de todas as relações. No Brasil, essa cordialidade simboliza um rigor afrouxado, sendo que em todos os lugares procura-se estabelecer vínculos de amizade porque fica mais fácil apelar para o favoritismo e para o apadrinhamento do que para o mérito. Às vezes o Estado é uma figura inoperante, pois a família apropria-se de suas funções, transportando para a esfera do poder os laços sentimentais e familiares. Os homens públicos trazem uma carga doméstica para as repartições públicas, não se restringindo a serem apenas homens de sua profissão.

Santos (2006) analisando *Raízes do Brasil* ponderou que o brasileiro quer ter uma vida fácil, se ascendendo socialmente sem nenhum esforço, alimentando um sonho de fazer fortuna e alcançar e prestígio sem precisar despender muita energia física e intelectual. De acordo com ela, Holanda defendeu que a democracia no nosso país sempre foi um mal-entendido, visto que os grandes movimentos sociais não partiram do povo, ao contrário, este assistiu indiferente e sem iniciativa.

Itaboraí (2006) também teceu uma análise do pensamento de Sérgio Buarque, informando-nos que este autor partiu da premissa de que as cidades são símbolos de dominação, mas que no caso da colonização portuguesa não prevaleceram, imperando no

Brasil a herança rural. As cidades foram apenas “semeadas” a revelia das condições geográficas e da pretensão dos moradores, não destacando o menor impulso da vontade humana. Já a colonização espanhola foi mais rigorosa quanto ao planejamento das cidades, adentrando para as terras do interior e para os planaltos, além de preocupar-se com os traços retilíneos, realmente “ladrilhando” o espaço. O português avesso à ordenação impessoal da existência, apenas se fixou no litoral, mais feitorizando o país do que o colonizando, fato o qual pode ser compreendido levando em consideração a índole aventureira do português, caçador de riquezas fáceis. Por causa dessa obstinação em enriquecer subitamente, o lusitano fez do Brasil apenas um lugar de passagem e de exploração, procurando no seu território jazidas de valor incalculável.

Itaboraí ainda ressaltou que o “homem cordial” para Sérgio Buarque não é de todo desprovido de virtudes, pois possui uma plasticidade, capacidade de acomodação e compromisso com o meio físico, mas como já foi destacado, isso se torna um entrave para a efetivação de uma nação moderna. Essa tese defendida por Sérgio Buarque de Holanda parte de uma influência weberiana, pois Holanda ao entrar em contato com as obras desse sociólogo alemão acaba idealizando um modelo de democracia tendo como referência os países europeus que viveram o protestantismo. Opondo essa herança protestante nórdica ao Brasil, Holanda encara a família patriarcal como uma barreira para que a ética do trabalho se estabeleça entre nós, favorecendo um desenvolvimento da nossa esfera política. Nota-se igualmente uma distinção singular entre as idéias de Holanda com as de Gilberto Freyre, pois este não viu a família pelo lado pejorativo, demonstrando que essa instituição teve um fator empreendedor sobre o qual a organização política se apoiou e se afirmou.

Sérgio Buarque não descreditou de todo no povo brasileiro, nutrindo em trabalhos posteriores uma esperança de que o protestantismo ascético pudesse aqui chegar, civilizando o “homem cordial” e superando a antinomia família versus Estado. Ele apela para o povo, afim de que este faça uma espécie de revolução para que possa finalmente destruir os resquícios do período colonial, iniciando uma nova história, diferente e particular. No entanto, com a cordialidade essa revolução dificilmente vai acontecer.

Segundo Oliveira (2007), o projeto buarqueano não se limitou a esta obra, estando o autor mais amadurecido nos anos cinquenta quando escreveu “Visões do Paraíso”, cuja temática relaciona-se com o que foi até aqui exposto. Em “Visões do Paraíso”, temos uma comparação de lugares da América Portuguesa com a descrição do Éden bíblico, analogia realizada nos relatos de viajantes e na literatura colonial portuguesa. Holanda chegou à

conclusão que esta comparação foi um artifício para encobrir os motivos especuladores por trás da colonização, implicando numa construção simbólica autoritária e conservadora da nação brasileira. Desse ponto de vista, Holanda foi além do ufanismo, desconstruindo o discurso legitimador do domínio do país por uma elite conservadora, sendo que essa elite tinha ancorado a sua força enquanto classe na difusão dos grandes mitos da historiografia brasileira.

Por tudo o que foi explicitado percebe-se que *Raízes do Brasil* é uma obra que todo historiador precisa ler, pois traz uma compreensão da colonização brasileira, ressaltando quais são as conseqüências deste processo histórico para a nossa atualidade. O autor fez um mapeamento das raízes culturais ibéricas, afirmando que estas ainda estavam permeadas por um imaginário medieval. Estas raízes forjaram as práticas sociais e as instituições brasileiras, estando onipresente na nossa identidade nacional mesmo com o advento da República.

Sérgio Buarque de Holanda contribuiu com o universo acadêmico, trazendo uma análise profunda sobre a forma de ser do brasileiro, o qual teve o seu comportamento e as suas instituições forjadas por outro continente. Além do mais, o autor nos fez enxergar que o brasileiro precisa se sentir a vontade com os indivíduos com os quais convive, por isso tornou-se um ser personalista, valorizando sobremaneira o espaço doméstico. O brasileiro sempre dá um jeitinho para escapar dos trâmites legais, dos critérios processuais e nacionais, não levando a sério as leis, tratando tudo passionadamente e afetivamente a fim de tirar proveito próprio. Essa intimidade sob a égide da família patriarcal corrompeu o meio político, tornando-o um antro dos interesses particularistas e sem nenhum compromisso com o bem-estar da população. Este autor traz uma interpretação atual e contemporânea da realidade que nos rodeia. Entrando em contato com este clássico da historiografia brasileira descobrimos um pouco sobre as nossas raízes, sobre as nossas instituições e sobre o que molda a nossa identidade enquanto povo brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Fronteiras da Europa**. In: *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 29-40.

\_\_\_\_\_. **O Homem Cordial**. In: *Raízes do Brasil*. 26 ed. São

Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 139-152.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. **A Família Colonial e a Construção do Brasil: Vida Doméstica e Identidade Nacional em Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Nestor Duarte.** Disponível em: <[http://pt.:// www.ufpe.br/revistaanthropologicas/internas/volume16\(1\)Artigo207%20\(Nathalie%20Reis%20Itaborai\).pdf](http://pt.:// www.ufpe.br/revistaanthropologicas/internas/volume16(1)Artigo207%20(Nathalie%20Reis%20Itaborai).pdf)> Acesso em: 12/09/2007.

OLIVEIRA, Adriana de. Sérgio Buarque de Holanda e a Visão do Paraíso. **História Viva**, São Paulo, Ano IV, p. 24-25, Abril, 2007.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Raízes do Brasil.** Disponível em: <<http://pt.:// www.klepsidra.net/klepsidra3/sbh.html>> Acesso em: 12/09/2007.